

12-02-2021

GADO E LEITE CONDENSADO

Diego de Oliveira Souza

[Doutor em Serviço Social/UERJ. Professor do PPGSS-UFAL/
Maceió e da graduação em Enfermagem/UFAL/Arapiraca]

A vaca é uma animal fantástico. Em algumas crenças, chega a ser divina. É verdade que, muitas vezes, o ser humano, na sua faceta imbecil, usa o termo “vaca” como adjetivo pejorativo. É no mínimo deselegante e injusto com a vaca. O mesmo se repete com o touro e o boi; que pena! Mas os problemas que quero debater ultrapassam a seara dos adjetivos. Vejamos o que ocorre, em especial, no caso brasileiro. A relação entre os humanos e os bovinos, quando harmônica, deveria ser fecunda para ambos os lados, convivendo em equilíbrio, em um possível modo de produção que considere as reais necessidades humanas e que, portanto, respeite a natureza. Porém, a pecuária, no capitalismo, está distante de qualquer tipo de harmonia.

Primeiro: criamos uma forma bovina de existência, o “gado”, que não é natural (o termo se aplica a outros animais como cabras e ovelhas, mas aqui ficaremos com a forma bovina, predominante). Isso porque os bovinos só são “gado” quando criados pelo ser humano, em um tipo de manejo e controle que não ocorreria naturalmente, por decisão das vacas e dos touros.

Segundo: passamos a explorar o gado descaradamente, roubando-lhes a carne, o couro, o leite e, daí, o queijo e a manteiga! Terceiro: como não bastasse, fazemos isso em tamanha escala que passamos a destruir florestas para, no lugar, criar pastos para o gado! O lucro aumenta na mesma medida em que cresce a crise ambiental.

Pobre gado, ele só queria ser vaca e touro. Assim, não seria roubado e não teria que conviver com a culpa de comer capim onde antes existia, por exemplo, hectares de Floresta Amazônica. Porém, se pensarmos bem, esse gado não tem culpa, pois toda ela é humana: claro, foi o ser humano que desmatou ilegalmente, que plantou o capim, que manejou o gado e, para isso, também explorou humanos. O processo de “gadização” perdeu o controle e assumiu novas formas. Diríamos que é um processo de duas vias: o ser humano criou o gado e, em certo momento, criou-se enquanto “gado”. É um estágio avançado de “ser gado”, pois nessa forma ele não precisa viver no pasto, ainda que ignore o desmatamento e, muitas vezes, até torça por aqueles que se beneficiam dele. É assustador, uma vez que esse “gado” cresce de forma alucinante no Brasil: o último censo, curiosamente levantado pelo TSE - Tribunal

Superior Eleitoral, mostrou que ele já reunia mais de 57 milhões, em 2018.

Esse “gado” bem que poderia figurar nas distopias de George Orwell. Estaria do lado dos porcos na “Revolução dos Bichos”. Talvez não, porque lá era assim: “quatro patas bom, duas patas ruim”. Esse “gado” não seria aceito, a não ser que começasse a andar por quatro patas. Fica a dica!

Afirmamos isso porque esse “gado”, apesar de origens humanas, afasta-se daquela capacidade genuinamente humana de analisar a realidade, entendê-la e tomar decisões. Fez-se “gado” quando passou a acreditar em versões toscas da realidade, sem perceber que aquela versão esconde o fato de que ele, “gado”, logo vai para o matadouro, ter seu fatídico destino, por decisão própria. Pobre “Gado”? Talvez não!

Diferentemente dos bovinos, caprinos, suínos etc., esse “gado” poderia romper as cercas da ignorância e da subordinação, mas prefere ficar no WhatsApp.

Ah!, esse “gado” eu “não” perdoou! Ele é cúmplice (vou relativizar para aqueles que estão nas classes desfavorecidas, envoltos em mecanismos de subordinação para a sobrevivência imediata e que, por isso, foram arrebanhados). Esse “gado” tem culpa, por exemplo, na destruição da Amazônia e do Pantanal e nas mais de 220 mil mortes por Covid-19 no Brasil.

Sim! A falta de oxigênio em Manaus/AM, a negligência com o uso de máscara e com o distanciamento social, a defesa de tratamentos sem eficácia e a campanha contra a vacina, tudo isso está na conta do “pecuarista” que está no planalto, engordando às custas de seu gado, também culpado.

Diga-se de passagem, ele deveria se preocupar mais com essa questão da dieta e, até mesmo, aproveitar melhor os produtos do “gado”. Já falamos que o “gado” pode gerar carne, couro, leite e, daí, queijo, manteiga etc. São boas opções; mas ele prefere o leite condensado. Só em 2020, gastou mais de R\$ 15 milhões nesse genuíno produto extraído do seu “gado”!

Aqueles que estão lutando no Sistema Único de Saúde (SUS) ou na Ciência poderiam aproveitar isso melhor: refiro-me aos 15 milhões e, não, ao leite condensado, porque este deve ser amargo, com o gosto do sangue que tem sido derramado. Temos que lamentar por aqueles que morreram sem oxigênio ou que não viveram para alcançar o processo de imunização contra o novo coronavírus! Lamentar pelas dificuldades e falta de incentivo ao SUS e à Ciência.

Além disso, devemos lutar contra esse processo de “gadização”: pastar menos, pensar mais!

Peço desculpa aos bovinos! ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.